



RELICI
**PICTURE A SCIENTIST (2020): SOBRE A DESIGUALDADE DE GÊNERO NA
CIÊNCIA¹**

ON GENDER INEQUALITY IN SCIENCE

Rodolfo Alves de Macedo²

Pense em um cientista. Que imagem vem à sua cabeça? Provavelmente a de alguém como Albert Einstein ou Stephen Hawking. Ou quem sabe a figura do cientista louco, porém divertido, como o Dr. Emmett Brown, o “Doc” do filme *De Volta para o Futuro*?

Ao longo da história do cinema, a ciência e os cientistas têm sido representados através de imagens canônicas (ou ícones canônicos). Segundo o paleontólogo e divulgador científico Stephen Jay Gould, ícones canônicos seriam “as imagens-padrão ligadas a conceitos-chave de nossa vida social e intelectual” (GOULD, 1997, p. 38). Isto é, imagens canônicas se referem a imagens que mostram a figura estereotipada ou popular de um conceito. Saliba (2007, p. 88) explica que “tais imagens constituem pontos de referência inconscientes, sendo, portanto, decisivas em seus efeitos subliminares de identificação coletiva”. Dessa forma, a imagem do cientista retratada pela mídia – a do homem vestindo jaleco branco, óculos e dentro de um laboratório – colaborou para a construção da percepção pública do que é ser cientista e como ele se parece, reforçando os estereótipos de gênero.

E onde estão as mulheres nesse imaginário popular do ser cientista? Segundo Kovalski et al. (2013, p. 12), “A pergunta crucial não é saber por que tão

¹ Recebido em 16/06/2022. Aprovado em 26/06/2022.

² Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais. rodolfo.macedo95@gmail.com



RELICI

poucas mulheres foram grandes cientistas, mas porque se conhece tão poucas mulheres cientistas. Não faltam mulheres cientistas na História, mas foram esquecidas”. Sabemos que não há evidências científicas que demonstrem uma suposta capacidade inata e uma aptidão natural dos homens, e não das mulheres, para a carreira científica. Porém, esse mito ainda persiste no senso comum, implicando numa noção misógina de suposta inferioridade intelectual natural feminina. O problema é histórico, cultural, social, e invisibiliza as trajetórias femininas no campo científico.

Esse processo de invisibilidade é apenas um dentre outros problemas enfrentados por muitas mulheres na carreira científica. E o documentário *Picture a Scientist* (2020) – recentemente traduzido para o português brasileiro como *Elas na Ciência* –, que participou do Festival de Cinema de Tribeca em 2020, nos mostra as experiências de diferentes mulheres pesquisadoras proeminentes no campo científico – a bióloga Nancy Hopkins, a química Raychelle Burks e a geóloga Jane Willenbring. Experiências essas que possuem marcas de assédio e discriminação. Segundo a sinopse disponibilizada no *website* oficial do documentário,

Elas na Ciência narra a onda de pesquisadoras que estão escrevendo um novo capítulo para mulheres cientistas. A bióloga Nancy Hopkins, a química Raychelle Burks e a geóloga Jane Willenbring conduzem os espectadores em uma jornada profunda em suas próprias experiências nas ciências, desde assédio brutal a anos de desrespeito sutis. Ao longo do caminho, de laboratórios apertados a estações de campo espetaculares, encontramos luminas científicas – incluindo cientistas sociais, neurocientistas e psicólogas – que fornecem novas perspectivas sobre como tornar a própria ciência mais diversificada, equitativa e aberta a todos³.

³ Tradução nossa. No original: *PICTURE A SCIENTIST chronicles the groundswell of researchers who are writing a new chapter for women scientists. Biologist Nancy Hopkins, chemist Raychelle Burks, and geologist Jane Willenbring lead viewers on a journey deep into their own experiences in the sciences, ranging from brutal harassment to years of subtle slights. Along the way, from cramped laboratories to spectacular field stations, we encounter scientific luminaries – including social scientists, neuroscientists, and psychologists – who provide new perspectives on how to make science itself more diverse, equitable, and open to all.* Disponível em: <https://www.pictureascientist.com/>. Acesso em: 15 jun. 2022.



RELICI

No início do documentário, a pesquisadora Jane Willenbring conta um pouco de seus estudos sobre a mudança na paisagem ao longo do tempo, e como podemos criar resiliência e adaptabilidade às mudanças climáticas. É dessa forma que podemos enxergar as pesquisadoras nesse documentário: resilientes.

Para formar essa trama de mulheres cientistas e as barreiras que elas enfrentam na área de STEM (sigla em inglês para Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática), o filme mescla entrevistas com as pesquisadoras com dados estatísticos. Em uma pesquisa apresentada no documentário, é estimado que 50% das mulheres acadêmicas sofrem assédio sexual. Em outra, evidencia-se o preconceito racial e de gênero, ao demonstrar que, nos Estados Unidos, dos pesquisadores da área de STEM que possuem um doutorado, quase 48% são homens brancos, mais de 25% são de mulheres brancas, e apenas pouco mais de 2% são de mulheres negras.

O documentário também se utiliza de uma analogia bastante precisa com um *iceberg* para demonstrar diferentes níveis de assédio sexual que as profissionais passam. Essa analogia afirma que apenas a ponta do *iceberg* é relativa a agressões e coerção sexual. O restante abaixo inclui ataques mais sutis, como ser excluída, não ser convidada a colaborar, não receber crédito, e até mais hostis, como ser chamada por termos pejorativos.

Uma trajetória retratada no documentário é a da bióloga Nancy Hopkins, professora aposentada do Instituto de Tecnologia de Massachussets (MIT), que relembra o assédio sofrido quando um pesquisador apalpou seus seios enquanto trabalhava em seu laboratório. Lembra também quando, em seu tempo enquanto professora titular na mesma instituição, era tratada pelos pesquisadores de pós-doutorado como uma técnica, e não como professora, além de não receber o devido crédito em publicações de artigos científicos. Além disso, a ela lhe foi recusado um laboratório com o mesmo espaço de seus colegas do sexo masculino.



RELICI

111

Outra trajetória retratada é a da química Raychelle Burks, professora na American University, em Washington, DC. Sendo uma mulher negra no espaço acadêmico, relata ter sido confundida com a zeladora. Em determinada cena, Burks vai a uma conferência formada majoritariamente por homens brancos e relata certo desconforto. O recorte dessa cena evidencia a desigualdade racial na academia.

A terceira trajetória é a da geóloga Jane Willenbring, professora da Universidade Stanford. Ela descreve o assédio sofrido rotineiramente enquanto jovem pesquisadora em uma viagem para a Antártida. Lá, foi chamada por termos sexistas e assediada fisicamente, principalmente pelo líder David Marchant. Cita como algo que a impressionou a vez em que teve sua competência questionada e diminuída por Marchant, dizendo que ela seria muito burra e não teria uma carreira na ciência. Anos após essa viagem, Willenbring apresentou queixa formal contra Marchant, que negou, mas foi demitido da Universidade de Boston.

Em conversa com a professora de Harvard, Mahzarin Banaji, Nancy Hopkins diz ter ouvido colegas do sexo masculino afirmarem nunca terem presenciado nenhum tipo de discriminação contra mulheres cientistas. A conclusão da conversa é de que, como cientistas, deve-se olhar para as evidências, em vez de se basear em percepções individuais. Existem evidências suficientes que apontam para a existência da desigualdade de gênero na ciência, e não devem ser ignoradas.

Apesar de *Picture a Scientist* fazer um recorte apenas dos Estados Unidos para discutir a desigualdade de gênero na ciência, o documentário é bastante direto em chamar a atenção para um problema de gênero e relatar as dificuldades enfrentadas por mulheres cientistas ao tentar fazer aquilo que amam: ciência. Ademais, traz à luz casos de assédio que em outras circunstâncias não seriam denunciados, nem mesmo expostos, seja pelo medo de que ninguém acredite ou da impunidade. Nesse sentido, observa-se que o documentário serve ao propósito de



RELICI

112

criar a consciência sobre o problema e incentivar a discussão sobre a desigualdade de gênero na ciência.

REFERÊNCIAS

GOULD, Stephen Jay. Escadas e cones: coagindo a evolução por meio de ícones canônicos. In: SILVERS, Robert B. (Org.) **Histórias Esquecidas da Ciência**. Tradução de Gilson César Cardoso de Sousa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 35-60.

KOVALESKI, Nadia V. J.; TORTATO, Cíntia de Souza Batista; CARVALHO, Marília Gomes de. As relações de gênero na História das Ciências: a participação feminina no Progresso Científico e Tecnológico. **Emancipação**, Ponta Grossa, v. 13, n. Especial, p. 9-26, 2013.

Picture a Scientist (Elas na Ciência). Direção: Ian Cheney e Sharon Shattuck. Estados Unidos. 2020. 1h 43min.

SALIBA, Elias Thomé. As imagens canônicas e a História. In: CAPELATO, Maria Helena; MORETTIN, Eduardo; NAPOLITANO, Marcos; SALIBA, Elias Thomé. (Orgs.) **História e Cinema**: dimensões históricas do audiovisual. São Paulo: Alameda, 2007. p. 85-96.